

## 12. VALTINA (TINA): UMA COINCIDÊNCIA FELIZ

Um dos muitos benefícios que obtive, na minha convivência com o pessoal do Sousa (NEC), foi o de aprender bater à máquina, razoavelmente bem. Para tanto tive o incentivo do Celso que me emprestou uma Remington e livreto com o curso. Consegui, assim, usando os dez dedos, sem olhar para o teclado.

Aquilo me permitiu ser um datilógrafo razoável, me sendo muito útil na vida pessoal e no trabalho. Alguns clientes, geralmente os antigos chegam a dizer-se admirados quando utilizo o computador e não, a máquina, para escrever a receita. Provavelmente o fazem para me agradar ou, simplesmente, para puxar conversa. Numa ocasião jocosa, um cliente idoso insistiu para comprar aquela minha *companheira*, alegando ser um colecionador de tal tipo de equipamento. Não aceitei o negócio, até porque aquele cidadão, infelizmente, estava já em claro processo demencial e, possivelmente, sem a sua mente sã. O fato é que, desde o meu tempo de Cartório e, posteriormente, nas outras tarefas, sempre me beneficieei de ter habilidade datilográfica.

Chegamos ao último trimestre de 1965.

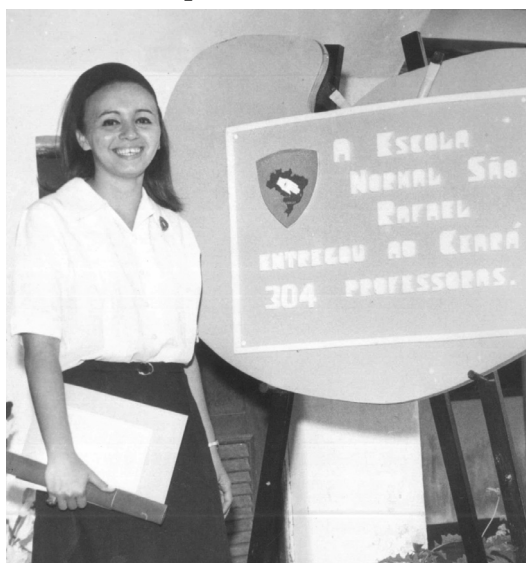
Eis que uma colega do IAPB – **Maria Gomes de Luna Araújo, Lia**, solicitou-me que a auxiliasse na datilografia da Tese que ela estava elaborando, para a obtenção do Diploma de Assistente Social. Para tanto, em um sábado, fui-lhe à residência, no pensionato onde morava (prédio anexo à própria Escola de Serviço Social, na esquina da Avenida Barão de Studart com Rua João Carvalho). O pensionato era dirigido por freiras, sob a chefia de Dona **Áurea Bessa**, que acumulava as funções de Diretora daquela Escola, então fazendo parte da Arquidiocese de Fortaleza. Iniciei a minha obsequiosa tarefa, tendo Lia ficado ao meu lado, lendo os manuscritos, enquanto eu os datilografava. Algum tempo depois, premida por alguma razão, ela se ausentou e, então, me apresentou uma senhorita, que estava passando o dia naquele pensionato, de nome **Valtina** (foto dela na próxima página, quando tinha 15 anos de idade), a qual passou a me assessorar no trabalho.



(11)

Continuei minha tarefa, com aquela nova auxiliar e, passados alguns minutos, escrevi algo que considerei ter sido lido erradamente. De pronto e de modo algo abusado, reclamei do erro que aquela leitora teria cometido. A referida assistente, por sua vez, retrucou, de modo mais ríspido ainda, dizendo que a culpa, pelo deslize, não fora dela e sim, minha e alegando não ter eu ouvido direito o que ela ditara. Tive o bom senso de não encompridar a discussão, tendo, então, eu assumido o erro.

**Tina** fazia o Curso Normal e de Prendas do Lar, na **Escola Doméstica São Rafael** (foto abaixo), atualmente Colégio São Rafael, localizado na Avenida do Imperador, no centro de Fortaleza.



(11)

Era aluna, em regime de internato, porquanto os seus pais residiam em **Teresina**, Piauí. Ela costumava passar os fins de semana no referido pensionato, onde residia a sua irmã Valmira, já acadêmica de Serviço Social. A exemplo de **Valmira**, no pensionato residiam muitas moças, geralmente estudantes, de várias cidades do Interior do Ceará e de outros Estados. O ambiente era bem alegre, mas, respeitoso. Na noite daquele sábado, houve, lá, a Festa do Caju, em que, além das pensionistas e familiares, compareceram outras pessoas. Não me recordo se fui convidado ou, eu mesmo, me convidei. O certo é que lá fiquei e participei da tal festa. Na ocasião, voltei a me encontrar com Valtina, conversamos e dançamos. Aqueles momentos, em que junto passamos, foram agradáveis, de modo que só fui embora da festa ao seu final...

### **Sua família**

Terceira filha do casal **Antonio-Teresinha Santana**, vindo depois de **Valmira e Valmir**, **Valtina** nasceu, como todos os outros irmãos, com exceção do caçula **Antonio Filho**, na própria residência da família (Avenida São Raimundo, número 149, Bairro Piçarra, Teresina).

Ela viu a luz, pela vez primeira, no dia 20 de dezembro de 1948. A sua infância foi feliz, ao lado dos pais, irmãos, parentes e amigos. A casa da família ocupava praticamente toda uma quadra, com dependências construídas em várias etapas e estilos. Abrigava aquela família com o devido conforto, prestando-se também para a criação de alguns animais domésticos, inclusive uma vaca (que, ordenhada geralmente por Valmir, produzia leite para o consumo de casa), além de aves e várias árvores frutíferas.

Havia vários cômodos, inclusive alguns *entupetados* de toda espécie de catreagem, que Simplício gostava de acumular.

Realce-se, a propósito, que tal mania viria posteriormente a ser herdada pelo Antônio Filho, cujo apartamento, no Rio de Janeiro, é, também repleto de coisas antigas e sem aparente utilidade.

Cachorros, tinha mais de um, sendo que o *Leão* era solto à noite, naquele grande quintal, sendo capaz de devorar qualquer pessoa, com exceção dos muito íntimos. É certo que aquele cão não se importava com Valmir, que costumava prestigiar os eventos noturnos da sua

Teresina e frequentemente retornava para casa nas altas madrugadas. Outro cachorro, o *Vencedor*, era dócil e, bem alimentado, ficava quase todo o tempo dormindo à sombra das frondosas mangueiras no quintal. Mesmo assim, não perdoaria a perna de Valtina, quando ela, inadvertidamente, pisou-lhe o rabo. Pés de siriguela, manga, laranja, e outras fruteiras, de baixa altura, podiam ser acessados pela menina e por quem quer que, naquela vivenda, tivesse o prazer de passear ou se hospedar. Eu mesmo usufruí daquela atividade deleitante, mas ficava cabreiro quando Seu Antonio dizia que as castanhas de caju de lá *já vinham assadas*, afirmação para a qual ele não aceitava contestação.

A respeito de tal postura afirmativa, ele, igualmente, não abria mão da versão de que a sua calva decorrera de uma *congestão* (AVC), que sofrera ao sair, na chuva, depois de ter comido uma carne de porco.

E fosse discutir com ele...

Valtina, que, conforme já dito, viria para Fortaleza, no início de 1965, tão logo concluiu o Ginásio, para fazer os cursos Normal e de Prendas Domésticas, na Escola Doméstica São Rafael, estudou, até a conclusão do ginásio, em Teresina, no **Colégio Sagrado Coração de Jesus**, de freiras. Desnecessário é falar da disciplina naquele colégio, onde, apenas para citar duas normas, a saia da farda tinha que ir bem abaixo dos joelhos e as meias cobriam toda a canela. Levar e trazer suas filhas ao colégio era missão à qual Antonio Simplício se impunha, não obstante os afazeres que, se iniciando no começo da madrugada, se estendiam até perto da meia noite. Nos dias de aula de educação física, que aconteciam muito cedo da manhã, o transporte era guiado por motorista da casa. Ou iam elas próprias de bicicleta, pois que, naquele horário, Simplício estava, *entre um quente e dois fervendo*, no pico da sua lida diária. O boletim das notas, muito embora fosse vistoriado por Dona Teresinha, o era, primeiramente, inspecionado por ele. E aí de quem tirasse zero ou uma nota baixa...

Valtina ganhou do pai um violão e as aulas do **Professor Panfilho** cujo dever de casa inicial constava da execução de uma valsa. Uma vistosa sanfona branca coube à Valdira.

Não seria inoportuno que ela se recondicione tecnicamente e se acompanhasse, pelo menos, em canções de ninar, para os netos ou para acompanhar Ferrer nas suas performances musicais de que ele tanto gosta....

Estive em Teresina, pela primeira vez, em 1966, para passar os feriados do carnaval, quando fui ao baile, no **Jockey Club do Piauí**, na companhia de familiares de Valtina (**foto**) (11).



Nos nossos primeiros tempos de namoro, não vivenciamos uma paixão arrebatadora, mas nasceu-me um sentimento de admiração e simpatia por aquela pessoa franca e espontânea. Confesso que, antes de estabelecer o namoro com Valtina, tendia a voltar com uma moça de Morada Nova, minha parenta, que fora minha namorada antes, e cujo relacionamento havia fenecido, em grande parte, por residirmos em cidades diferentes.

Ao **pensionato**, onde Valtina ficou morando, em companhia da sua irmã Valmira, passei a ir, nos fins de semana, ocasião em que encontrava com namorados de outras residentes daquela moradia, dentre os quais me lembro de **Ulysses Borges**, **Leopoldo Albuquerque** de quem viria a ser compadre, **Leopoldo Vasconcelos**, **Wagner Sétubal** além de outros. O entretenimento se restringia a algumas tertúlias e festas, especialmente as do **CEU** (Clube dos Estudantes Universitários) e as festas dos alunos da Faculdade de Medicina, como a tradicional Festa do Estetoscópio e Festa da Esmeralda. O cinema era uma diversão cômoda, pois o **Cine Ventura** se situava no mesmo quarteirão do Pensionato. Deixávamos para ir ao luxuoso e confortável Cine São Luiz, no centro da cidade, apenas para ver alguns filmes de maior interesse.

Com alguma frequência, fazíamos passeios com o casal Valmira/Ulysses, no possante automóvel Gordini deste último, que ele pilotava airosamente.

Eles se casaram poucos meses depois da formatura de Valmira, tendo ido morar na Praia de Iracema (Rua Antônio Augusto), para onde se transferiu, também, Valtina.

No final de 1968, pedi a mão de Tina e, noivos, permaneceríamos até vinte e oito de abril de 1972, quando nos tivemos em matrimônio.

Em 1968/69, após lograr aprovação nos exames vestibulares, ela iniciou os cursos de **Ciências Sociais**, na **UFC** e de **Serviço Social**, na **Escola de Serviço Social**, que viria a ser, depois, encampada pela Universidade Estadual do Ceará. Em Fortaleza, completou os dois primeiros anos de ambos os cursos. Posteriormente, prosseguiria e concluiria, somente, o curso de Serviço Social na **Pontifícia Universidade Católica (PUC), Rio de Janeiro**.

### **A transferência para o Rio de Janeiro. Sua graduação**

É notório que a conclusão de um curso superior traz alegria e orgulho, justificados, para o graduando e os seus familiares. É, igualmente, bem sabido que, neste período pós-graduação, quando se nos apresenta o desafio de engatar a carreira profissional, surgem muitas expectativas e, mesmo, apreensão.

No meu caso não podia ser diferente.

Eu já obtivera a vaga na Residência Médica, do Hospital dos Servidores, no Rio de Janeiro, onde deveria estar presente, a partir do primeiro dia útil do ano de 1970. Passei, então, a ter o pressentimento de que, no Rio, uma bela e alegre cidade, eu, longe da família e de Valtina, poderia vir a sofrer da sensação de solidão, já que não tenho muita capacidade de me *enturmar*. O casamento era, naquela ocasião, inviável, porquanto eu não dispunha de condições financeiras para tanto. Ela, por sua vez, teria que cumprir os dois anos restantes do curso de Serviço Social.

Assim, vislumbramos a possibilidade de ela se transferir para uma Faculdade na *Cidade Maravilhosa*, para o que a **Pontifícia Universidade Católica (PUC)** seria a opção, até pela ligação que esta tinha com o Instituto de Serviço Social, em Fortaleza. Quanto à moradia, ela passaria a residir em pensionato, no Bairro Botafogo. Restava a permissão dos

pais dela. Para nossa felicidade, Seu Antonio e Dona Teresinha deram a concordância, em atendimento a uma solicitação, escrita, bem detalhada e justificada, que eu, já na condição de noivo, lhes fizera.

Os dois anos restantes de Serviço Social foram na **PUC, do Rio de Janeiro**, onde o curso teórico foi abrangente. Com efeito, ela cumpriu estágios práticos, nos seus fundamentos mais importantes: Serviço Social de Casos, Serviço Social de Grupo e Serviço Social de Comunidade. O seu primeiro estágio prático foi na Fundação Romão de Matos Duarte que abrigava crianças abandonadas. O trabalho consistia em conhecer, entrevistar e orientar casais que desejassem adotar uma criança daquela Fundação. Era um trabalho por demais desafiador e enobrecedor. Na parte de serviço social de grupo, ela prestou serviços na Cruzada São Sebastião, no Bairro Leblon, onde há uma espécie de favela de concreto, idealizada e construída sob o entusiasmo de Dom Helder Câmara, ao tempo em que era ele Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro. Lá, ela dava orientação social aos seus moradores, no sentido da inserção deles em um trabalho digno e em uma vida social sadia, o que, muitas vezes, não o conseguia. A parte de serviço social de comunidade foi cumprida na Baixada Fluminense, atuando na parte de locação de ex-favelados em moradias construídas sob a orientação de uma entidade pública (INOCOOP). Assim, além de ter enriquecido o seu currículo, auferiu ótima capacitação, com a qual viria a desempenhar, com competência, a sua profissão depois do retorno para o Fortaleza. Aqui, Valtina foi aprovada em concurso para o então INPS, no início de 1972, passando a trabalhar no Centro de Serviço Social, sob a chefia de **Lenir Soares Cavalcante**.

Em dezembro de 1971, Valtina recebeu o grau de **Assistente Social (foto)** (11)

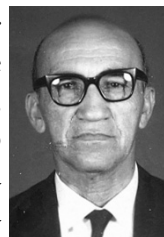


Àquele tempo, Assistente Social conseguia desempenhar funções muitos mais relevantes do que na atualidade. No mesmo Ministério da Previdência Social, anos depois, foi transferida para o Centro de Reabilitação Profissional, onde desenvolveu importante trabalho com segurados incapacitados, enviados pela Perícia Médica previdenciária, especialmente na parte de capacitação profissional. Infelizmente, aquelas importantes ações têm perdido, gradualmente o apoio governamental, com o passar dos anos. Quando completou o seu tempo de serviço, ela se aposentou formalmente.

Atualmente, **Tina** dá o melhor de si ao cuidado com o esposo, filhas, netas e demais familiares, mercê da sua grande capacidade de amar o próximo e a Deus.

### **Antônio Simplício**

Filho de Dona **Vicência Maria Ribeiro** e Senhor **Simplício José Ribeiro** (daí o sobrenome com que popularmente foi chamado durante toda a sua vida), **Antônio Ribeiro Santana (foto)** nasceu no lugar Alto Alegre, zona rural de Teresina, em um três de outubro, data em que, por sinal, após longa e produtiva existência, viria a fechar os olhos para o mundo. O seu Antônio, mesmo tendo sido, também, proprietário de linha de ônibus, a primeira de Teresina, e taxis, teve, na marchantaria, a sua principal profissão. Ao adquirir o gado para o abate, gabava-se de poder aferir o peso total da boiada, apenas no olho.



Em Teresina, naquele tempo, antes do advento do público Frigorífico Piauí (FRIPISA), era Antonio Simplício o responsável pela provisão, honesta e necessária, de praticamente toda a carne bovina consumida na capital do vizinho estado. Os seus irmãos (**Alvina, Martinha e Raimundo**) não lograram o mesmo sucesso nos negócios, como Antonio, o qual, contudo, sempre os apoiou material e afetivamente. A doce Tia Martinha, a única solteira, passava longos períodos na casa de Teresinha/Antônio, onde se esmerava em fazer deliciosas tapiocas de goma e cuscuz bicolor (milho+arroz), além de bolo frito, que os convivas, inclusive os agregados, como eu e Ulysses, consumíamos com avidez. Antônio Simplício mantinha, também, algumas bancas de venda de carne, a varejo, no Mercado da Piçarra,



mas a maior parte era comercializada com hospitais, quartéis militares e outras repartições.

Apraz-me citar algumas outras características dele. Com uma trajetória de vida digna, de respeito de todos, ele, ao lado de Dona Teresinha, teve a felicidade de legar aos seus filhos todas as boas qualidades essenciais a qualquer cidadão: honestidade e amor ao próximo e a Deus.

A exemplo dos pais, Valmira, Valmir, Valtina, Valdira, Elzira e Antonio Filho guardam aquelas boas normas de convivência social, que os fazem respeitados por todos os que com quem eles convivem. Idiossincrasias veniais, eventualmente existentes, dispensam menção, até por não sobrepujarem aquelas virtudes. Simplício não era esbanjador, mas tinha hábitos finos. Só usava ou consumia o que lhe achava ser de melhor.

Simplício era generoso com as freiras do colégio onde as filhas estudavam, comprando vários pontos de rifas e outras colaborações. Nas minhas idas a Teresina, testemunhei muitas vezes que, quando ele chegava à estação rodoviária para receber ou embarcar algum familiar e quando, na feira da CEASA ia comprar frutas para o consumo doméstico, chovia de carregadores, oferecendo-lhes os serviços, pois sempre auferiam boas gorjetas. Homem de muitos amigos e muito bem considerado, Simplício tinha uma vasta participação na vida social de Teresina. Era sócio proprietário dos três principais clubes sociais (Iate, Diários e Jockey Club), onde participava dos seus principais eventos. Não deixou de aquiescer em adquirir ações de outras pequenas agremiações, como o Clube Marquês de Paranaguá, mesmo sem lhes freqüentar os eventos. Primava pela rigorosa pontualidade em todas as suas obrigações financeiras, geralmente quitando-as antecipadamente, assim como o fazia em relação a quaisquer outros compromissos. Tal atributo, juntamente com aqueles anteriormente mencionados, o tornaram um cidadão da maior respeitabilidade, no seu meio e estimado por todos quanto o conheciam.

Premido pela sua lida diária, iniciada cedo da madrugada, não era ele muito festeiro, mas, quando ia a um baile ou tertúlia, acompanhado da família, dançava com as suas filhas (a esposa Teresinha, retraída, preferia ficar observando o ambiente). Era considerado um pé de valsa e proclamava que só saía do clube junto com a orquestra.

Um dos carros que Simplício chegou a possuir era uma *Jipister*, vermelha, que eu não cheguei a conhecer. Tratava-se de uma espécie de camionete conversível, que, além do uso comum, se prestava bem para a família desfilarem no corso carnavalesco. Aquele veículo teve, também e por várias vezes, especial utilidade para conduzir autoridades e misses que vinham a Teresina e que necessitavam desfilarem em carro aberto, tendo um predomínio a mais, que era o de ser dirigida pelo próprio Simplício, uniformizada a caráter.

Ele tinha algumas práticas e ideias, as quais, embora as considerássemos estranhas, não deixavam de ser úteis. Assim, é que, sempre que ia embarcar uma pessoa na estação rodoviária, principalmente se seu parente, anotava o número da placa do respectivo ônibus e deste só se afastava após verificar que a mala e/ou outra bagagem estava devidamente colocada no porta-bagagens. Ao adquirir ou ser presenteado com uma calça ou bermuda, com zíper, mandava o seu alfaiate substituí-lo por botões, por considerá-los mais seguros. Se acometido de conjuntivite ou alguma irritação ocular, só levava fé no colírio usado se o mesmo lhe produzisse ardor nos olhos.

Em ocasiões indicadas, emitia conselhos, muitos já conhecidos e alguns da sua própria lavra:

- Homem de pulseira, sei não ...
- Quem corre cansa, quem caminha alcança, devagar se vai ao longe.
- O apressado come cru.
- O barato sai caro.
- Não fale de boca cheia.
- Não encha o prato demais, porque a comida não vai fugir da mesa.
- Antes só, do que mal acompanhado.
- Mais vale um pássaro na mão, do que dois voando.
- A ocasião faz o ladrão.
- Cada macaco no seu galho.
- Cão que ladra não morde.
- Em boca fechada não entra mosca.
- Não adianta chorar o leite derramado
- Quando a esmola é grande o cego desconfia.
- Quem madruga Deus ajuda.
- Rir melhor quem rir por último.
- O homem prevenido vale por dez.
- Quem empresta dinheiro a um amigo, perde o dinheiro e o amigo

## **Teresinha, uma matriarca admirável**



Dona **Teresinha** (nascida Pereira de Oliveira, em **Caicó, Rio Grande do Norte**) mudou-se, com a família, ainda garota, para Teresina. Seu genitor, o Senhor **Josino Pereira da Silva**, era proprietário de caminhão, no qual transportava mercadorias que comercializava em várias cidades do Nordeste. Morreu ainda jovem num acidente ocorrido, em trabalho, na Serra da Ibiapaba. Da. **Luisa Pereira de Oliveira**, a mãe, viveu muito anos, na companhia, principalmente, da filha **Teônia**. Teresinha, há pouco saída da adolescência, foi recebida em matrimônio pelo Antônio, antes citado, o qual já passara dos trinta. A diferença de idade, entre eles, não impediu uma boa convivência, no seio daquela família.

### **Os demais filhos: Valmira, a primogênita; Valmir, o primeiro varão; Valdira; Elzira e Antônio Filho**

Também, ainda muito jovem, Teresinha teve a primogênita - Valmira. Os outros filhos vieram com pouca diferença de tempo, de um para o outro. Por toda a vida Teresinha foi devotada ao esposo e ao resto da família, no que tem continuado, para com as suas filhas, filhos, noras, genros, netos e bisnetos. Com todos, participa incondicionalmente, nos momentos difíceis e, na alegria, com eles exulta. Ao lado do esposo, propiciou aos filhos boa educação formal, e os fundamentos para uma postura de civilidade e fraternidade cristã, fazendo-os também pessoas honradas e corretas. Tem mente aberta para as boas coisas da modernidade, mas não abdica, de continuar nos impondo aqueles tradicionais e corretos conceitos da boa ética. Consegue dividir a sua indispensável atenção entre os filhos que moram em Teresina e os de Fortaleza. A presença dela é sempre razão de grande alegria para os seus familiares e outras amigas.

### **Valmira, a primogênita**

Possuidora dos vários atributos inerentes aos seres humanos ricos em bondade, **Valmira** é, além de tudo, simples, não se deixando envaidecer pela condição de ser a filha primeira de um casal que lhe

propiciou um *bom berço* e condições materiais adequadas. Com a altivez das pessoas dignas e conscientes do seu papel, no seio da família e da sociedade, exercita, sobretudo, a fraternidade de uma boa cristã. A exemplo dos seus irmãos, recebeu, dos pais, mais do que bens materiais: bom caráter, amor a Deus e ao próximo e conduta retamente cidadã. Quando bem moça, fruiu das coisas, eventos e convivências agradáveis, próprias da juventude, na sua Teresina natal. Lá, também conviveu com intelectuais, *balançou* as estruturas afetivas de um poeta maior e se aprofundou em devorar livros. A sua biblioteca transcende todo um cômodo da sua residência. Ao bom cinema sempre prestigiou. Optou pela profissão de **Assistente Social**. Após colar grau, poderia ter retornado à sua cidade, onde havia mais de uma chance de emprego. Todavia, tendo conhecido, em Fortaleza, **Ulysses Borges**, flecharam-se mutuamente e não tiveram ambos como abrir mão de um amor que, intenso desde o início, persistiria sólido e edificante. Uniram-se em matrimônio em 14.12.1968. Profissionalmente, dedicou-se, de princípio, ao trabalho social no Morro Santa Teresinha, no Mucuripe. Aceitou, a seguir, trabalhar no **Serviço Social do SESC**, onde chegou a Diretora de Divisão. Do **Hospital Geral de Fortaleza (HGF)** do Ex-INAMPS, foi fundadora, tendo, lá trabalhado, também, por muitos anos. No exercício das suas atividades profissionais, sempre se dedicou, sem descanso ou desalento. Com o advento das três filhas, optou por uma atividade que não incluísse plantões, transferindo-se para um **Posto de Psiquiatria**, também da Assistência Médica da Previdência Social, onde emprestou suporte social e emocional, diligente, aos doentes mentais. Àquele tempo, abdicou também do trabalho no SESC. Ulysses foi atuante, no ramo de representação comercial, com viagens, a trabalho. A mim e Valtina, dão honra e alegria de serem **padrinhos de Evelyne**, a nossa primeira filha. Brindam-nos, também, na alegria da sua convivência. Do casal, vieram três filhas, as quais lhes seguiriam, no bom caráter e na disposição de exercer as suas funções com esmerada dedicação e acerto.

Todas são destacadas na erudição e na cultura. **Carolina** preferiu ciências humanas, ensinando Tradução e Ciências Políticas, com pós-graduação em Gerenciamento Cultural, na Universidade de Viena, na Austria, onde reside há muitos anos. Adora cozinhar, já tendo completado aperfeiçoamento, na matéria, em Paris e São Paulo. Incorporou todos os bons hábitos do lugar onde mora, mas mantém

viva e atuante a sua brasilidade, especialmente a beleza e o charme, que são marcas tão fortes das mulheres do nosso país, especialmente aquelas da sua família. Dispõe de admirável aptidão para fazer amigos e aglutinar pessoas, em torno do seu universo fraternal. Tem um belo herdeiro – **Maximilian** – da sua união com **Mathias**, motivo de grande alegria para a família. **Tatiana** dedica-se à Arquitetura, com ênfase a Interiores. Continua, no exercício profissional, com o mesmo e invulgar brilhantismo que tem desde os bancos escolares. Nos últimos anos, reparte com o esposo **Antônio José**, um esmerado cuidado com **João**, encantador filho. Arquitetura (e Urbanismo) também vieram a fascinar **Marília**, a caçula, Mestre e Doutora, em São Paulo, onde mora e, também, é Arquiteta e Professora Universitária.

### **Valmir, o primeiro filho varão**

Ele teve educação básica e concluiu o nível secundário, em um bom colégio teresinense, mas optou, cedo, por assumir trabalho, logo que galgou a maioridade, laborando em órgão público e, em seguida, na agência local do Banco da Bahia. Pela sua dedicação, quando aquela instituição foi englobada pelo **Banco Bradesco**, foi elevado à condição de gerente, em Iguatu/CE. Naquela cidade, teve cruzado o seu destino com a colega **Sandra Lopes**, com quem se casaria, sendo que, do casal vieram as filhas: **Larissa, Ludmila e Ana Paula**. Valmir ainda chegou a gerenciar o Bradesco em Crato, no Cariri Cearense. Depois, exerceu atividades administrativas, sucessivamente, em Fortaleza, São Luis/Maranhão e Teresinha. Nesta última, onde mora em definitivo, veio a se aposentar, formalmente, estando exercendo, atividades na parte de comercialização de imóveis. A primogênita - Larissa – nossa afilhada, teve graduação de nível superior, mas optou por atividade bancária. Ludmila, a do meio, é médica e Ana Paula, a caçula, é Pedagoga. Algo reservado no diálogo, Valmir porta, também, aquelas boas qualidades de caráter, comuns aos demais membros da sua família.

### **Valdira**

**Bacharela em Direito**, fixou-se como funcionária graduada da **Caixa Econômica Federal**. Foi uma pessoa muito dedicada às suas atribuições funcionais. No âmbito da família, está sempre disponível a ajudar, em situações as mais variadas, em que possa contribuir na

solução de problemas. É casada com **Ferrer Freitas**, também Advogado (e intelectual), tendo as filhas **Ana Carolina, Juliana e João Marcelo**.

A Ferrer, além da coincidência de sermos concunhados, alguns outros aspectos nos unem. Fomos nascidos no décimo oitavo dia de outubro, ele em **Oeiras**, a primeira capital do Piauí, eu, em Morada Nova, no árido sertão cearense. Também, somos simpatizantes do Clube de Regatas Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, onde ele, como eu, já morou. Costumamos nos comprazer com a boa **música popular brasileira**, alguns dos seus cantores e instrumentistas. No **Instituto Histórico de Oeiras** – que ele presidiu por vários anos – diligenciou para que eu recebesse, em sessão solene, o título de Sócio Correspondente daquele sodalício, o que me deu subida honra e grande alegria. Com frequência, me favorece com o envio da Revista daquela casa de cultura, assim como livros de sua autoria ou dos muitos intelectuais oeirenses. Da famosa Orquestra de Bandolins de Oeiras, em que **Dona Lilásia**, a sua genitora, foi uma destacada instrumentista, me presenteou com um disco CD, que guardo com o maior carinho. Ferrer já se encontra aposentado do Serviço Público, onde galgou o cargo de Subsecretário de Cultura e Assessor Parlamentar da Assembleia Legislativa do seu Estado. Graduada em Contabilidade, a filha **Ana Carolina**, esposa de **Marcos**, deu-lhes o neto **Pedro Alexandrino**. **Juliana**, médica com especialização em São Paulo, casada com seu colega **Nikolay**, ambos titulados na Universidade Federal do Maranhão, residindo em São Luís, são pais de **Nicole**. O caçula **João Marcelo**, graduado em Psicologia, propiciou a Valdira e Ferrer a linda neta **Vida**.

## **Elzira**

Guarda ela, com a sua mãe, grande similitude fisionômica, o que se aproxima, mais ainda quando se olha para as fotos de ambas, quando tinham, mais ou menos, a mesma idade. Tendo concluído o aprendizado, no já referido Colégio Sagrado Coração de Jesus, em Teresina, também, se fez **Advogada**, tendo exercido, por toda a duração do seu serviço público ativo, a função de **Auditora Fiscal do Ministério do Trabalho**. Como os demais membros da sua clã, ostenta o respeito e admiração dos seus concidadãos e colegas. Mora, há vários anos, em Fortaleza, sendo casada com **Paulo Ricardo Kickingner**, cearense nascido no Rio de Janeiro.

## **Antônio Filho**

Este caçula, já maduro, mas organicamente jovem e *sarado*, ainda se mantém solteiro, embora com saudável relacionamento com pessoas do belo sexo.

Na capital dos fluminenses, fez pós-graduação em **Engenharia de Transportes**, sendo professor, na referida Disciplina, nas Universidades Federal (UFRJ) e Estadual (UERJ) do Rio de Janeiro. É bem adaptado ao *modus vivendi* carioca, tem uma animada vida social, além de praticar, regularmente, esportes amadores (natação, ciclismo e voleibol), o que tem contribuído para mantê-lo com boa saúde.